
TUTANKHAMON EM PORTUGAL. RELATOS NA IMPRENSA PORTUGUESA (1922–1939): O IMPACTO DA DESCOBERTA DO TÚMULO DE TUTANKHAMON EM PORTUGAL

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES*, SUSANA MOTA**

A 4 de Novembro de 1922, Howard Carter (1874–1939), financiado por George Edward Stanhope Molyneux Herbert (1866–1923), quinto Lord de Carnarvon, descobriu no Vale dos Reis (Tebas, Egipto), após vários anos de pesquisas, com os selos intactos, o túmulo (KV62) do faraó Tutankhamon (1333–1323 AEC). Esta “maravilhosa descoberta no Vale”,¹ que, depois, levaria mais 10 anos de trabalhos de escavação e de descoberta de milhares de artefactos (exactamente 5438), foi noticiada pela imprensa de

* Universidade Aberta, Portugal.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1087-1478>. E-mail: jose.Sales@uab.pt.

** Universidade Aberta, Portugal.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4819-6239>. E-mail: susana-mota@hotmail.com.

¹ A expressão é retirada do telegrama que Howard Carter enviou a Lord Carnarvon dando-lhe conta da descoberta: “At last we have made a wonderful discovery in the valley, a magnificent tomb with seals intact, recovered and waiting for your arrival. Congratulations” (Reeves 1990, 160; Hawass 2006, 107).



todo o mundo, de forma inusitada e sem precedentes, tornando o nome do praticamente incógnito faraó do Império Novo e dos principais intervenientes na descoberta sobejamente conhecidos de milhões de leitores. Também em Portugal, os periódicos noticiaram amplamente os trabalhos no Egipto a partir de então. De facto, a imprensa portuguesa percebeu o imenso “filão” noticioso que os trabalhos no túmulo representavam, com todo o fascínio e exotismo que os rodeavam, e o enorme impacto que teriam sobre os leitores.

Com o objectivo de identificar e caracterizar a forma como este assunto foi tratado pela imprensa portuguesa da época, demos início, em Janeiro de 2016, ao projecto de investigação, na área da recepção do antigo Egipto, intitulado “Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922–1939)”. Definimos como balizas cronológicas os anos de 1922 e de 1939. A primeira data decorre, obviamente, do momento específico da descoberta e início da escavação do túmulo e da conseqüente disseminação da informação. A segunda data assinala, simultaneamente, o ano da morte de Howard Carter e da descoberta de outros túmulos intactos em Tânis (Delta Oriental do Nilo, Egipto), pelo arqueólogo francês Pierre Montet (1855–1966).²

Enquadramento histórico: os anos 20 e 30 do século XX em Portugal

Os anos 20 e 30 do século XX correspondem, em Portugal, a um período de enorme agitação política, militar, ideológica e religiosa, com intensas lutas fratricidas, constantes golpes e contragolpes militares, conspirações e atentados terroristas, perseguições religiosas, com inevitáveis repercussões na instabilidade partidária, parlamentar, presidencial e governativa que se viveu, e de profunda crise financeira que se sucedeu ao derrube da Monarquia pelo golpe militar de 5 de Outubro de 1910. Politicamente, sucedem-se períodos que ficaram conhecidos na história contemporânea do país como a Primeira República portuguesa (1910–1926), a Ditadura Militar ou Ditadura Nacional (1926–1933), após o golpe militar de 28 de Maio

² Pierre Montet descobriu vários túmulos intactos das XXI e XXII Dinastias (III Período Intermediário): Montet 1998.

de 1926, e o início do Estado Novo, depois da aprovação da Constituição de 1933³ (Wheeler 1978, 856-62; Marques 1980).

Com a revolução de 5 de Outubro de 1910, depois da França e da Suíça, Portugal tornou-se no terceiro país europeu a optar pela via republicana, embora envolto em vários problemas, designadamente do ponto de vista económico-financeiro. A participação portuguesa na I Guerra Mundial agravaria ainda mais a situação e o pós-guerra ficaria marcado também por grandes problemas internos, como a escassez de bens, que levou à fome, a inflação, o intenso descontentamento popular e o agravamento exponencial da instabilidade política.

No âmbito do novo ideário republicano, do ponto de vista educacional e cultural, a luta contra as elevadas taxas de analfabetismo constituiu uma absoluta prioridade. No final do século XIX, essas taxas rondavam os 80% e durante os primeiros anos do século XX não houve nenhum combate eficaz contra a situação, capaz de a melhorar significativamente (Matos 2014, 179-260; Marques 1980).

Apesar da sua crónica instabilidade, a Primeira República usou todos os meios ao seu dispor para a propagação da sua ideologia e transmissão literária, cultural e científica. Entre esses meios usados pelo novo regime figuravam os jornais, numa vertiginosa profusão de títulos, de todos os tipos, um pouco por todo o lado. A doutrinação subjacente ao jornalismo republicano fez com que houvesse periódicos de todas as filiações ou tendências, muitos ligados directamente aos partidos políticos ou que, pelo menos, se apresentavam como defensores/divulgadores de algum tipo de ideologia (Sardica 2014, 347).

Embora a dimensão política e ideológica da imprensa fosse prevalente, ainda assim havia lugar para títulos exclusivamente dedicados a assuntos literários, culturais e científicos e mesmo para o tratamento desses assuntos em jornais generalistas (Nunes 2014, 441). A enorme vitalidade

³ Como exemplo da enorme instabilidade política vivida em Portugal durante a Primeira República registem-se os 45 governos, 8 eleições gerais e 8 presidentes que existiram nos seus 16 anos de duração, tornando-a no mais instável regime parlamentar da Europa.

da imprensa em Portugal nestes anos, mesmo num quadro de uma censura actuante e punitiva, é, de facto, impressionante: “During the First Republic, the press enjoyed great vitality, despite censorship, frequent assaults to Journals’ pressrooms, and the extinction of some of the most important Royalist Journals” (Matos 2014, 185).

Não obstante o elevado número de analfabetos, a que o ideário republicano pretendia pôr cobro, “O Portugal de então era um país de jornais” (Marques 1991, 600). Todos os que sabiam ler podiam, de acordo com as suas inclinações ideológico-partidárias ou interesses culturais, aceder à informação e às notícias veiculadas pelos vários periódicos existentes. Aqueles que não sabiam ler, a maioria, podiam ouvir ler essas mesmas notícias, pois esta era uma prática comum instalada: “Em pequenas vilas e aldeias, era frequente ler-se o jornal em voz alta perante uma assistência heterogênea de povo, que ouvia e comentava” (Marques 1980, 90).

Compreensivelmente, o ambiente político, com oscilações ideológicas diametralmente opostas, da liberal proclamação de total liberdade de expressão até à radical abolição das liberdades de imprensa e instauração da censura, e a volatilidade das publicações periódicas, sobretudo devido à crónica debilidade da sua situação financeira, com as inerentes fundação-encerramento-refundação de dezenas de títulos, dificultam uma consistente visão quantitativa de conjunto (Sardica 2014), mas são suficientes para aquilatar da importância deste tipo de fonte (a imprensa escrita) para a reconstituição dos grandes acontecimentos culturais da época, como a descoberta de um túmulo supostamente intacto no Egipto.⁴

As fontes e o *corpus*: etapas de uma investigação

A primeira etapa da investigação consistiu na identificação dos periódicos, jornais e revistas, publicados em Portugal Continental no período

⁴ Dizemos “supostamente” porque essa era a ideia existente na época e difundida pelos jornais de todo o mundo. A investigação arqueológica, porém, permitiu perceber posteriormente que o túmulo fora violado duas vezes na Antiguidade (Reeves 1990).

em análise, sendo que para tal recorreremos à bibliografia especializada em imprensa portuguesa (Lemos 2006) e aos sites da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e da Hemeroteca Municipal de Lisboa, o que tornou possível identificar 79 títulos (58 jornais e 21 revistas). A extraordinária volatilidade do mercado jornalístico português atrás mencionada ficou bem patente no momento de estabelecer as cronologias das próprias publicações. Interessava-nos um período de 17 anos (1922–1939) e encontrámos jornais e revistas que se publicaram ininterruptamente durante este período, mas também publicações que só cobrem uma parte do período em estudo, seja ela a primeira parte dos anos vinte do século passado, o princípio ou o final dos anos 30.

Uma vez identificadas as publicações, iniciou-se a segunda etapa: o processo de consulta dos 79 jornais e revistas publicados entre 1922 e 1939 em Portugal Continental. Esta consulta conduziu à identificação de três situações diferentes:

- 1) 28 publicações (35% do total) onde foram identificadas notícias relacionadas com a descoberta do túmulo de Tutankhamon e os diversos acontecimentos que lhe estão associados;
- 2) 20 publicações (25% do total) sem notícias sobre o assunto;
- 3) 31 publicações (39% do total) cujas datas de publicação não coincidem com datas de eventos relacionados com a descoberta (por exemplo, 1933–1938) ou onde tais eventos nunca foram publicados (por exemplo, 1926 e 1927).

O conjunto dos 28 periódicos onde foram identificadas notícias relacionadas com a descoberta do túmulo de Tutankhamon e os diversos acontecimentos que lhe estão associados é composto por 24 jornais e quatro revistas. Todos os jornais eram diários, 16 matutinos e oito vespertinos. No caso das revistas, três eram semanais e uma mensal. Relativamente ao local de publicação, temos 22 periódicos de Lisboa, cinco do Porto e um de Coimbra. A filiação ou tendência política também deve ser considerada quando caracterizamos as publicações dessa época e assim temos uma

maioria de jornais republicanos (18), embora três deles tenham mudado a sua tendência durante a Ditadura Militar/Estado Novo. Temos ainda quatro publicações generalistas ou informativas, três monárquicas, uma pró-ditadura, uma católica e uma de natureza cultural.

No que diz respeito à localização das publicações, não se identificam diferenças nas notícias publicadas no Porto e em Lisboa; apesar de a filiação ideológica/tendência política das publicações, não são identificáveis diferenças na abordagem às notícias publicadas; em termos de tipologia, não se pode considerar que existe uma diferença significativa entre jornais e revistas, porque embora nas revistas possamos encontrar artigos mais desenvolvidos e ilustrados, existem também jornais com reportagens semelhantes; em termos de periodicidade, todos os jornais com notícias são diários, as restantes periodicidades (semanais e mensais) pertencem a revistas; no que diz respeito ao período de publicação diária (manhã/tarde) não há também diferenças a assinalar.

Nestes 28 periódicos foram identificadas 234 notícias (fig. 1).

Publicações	Número de notícias por ano de publicação											Totais
	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929 - 30	1931	1932 - 38	1939	
<i>A Capital</i>	-	9	8	1	-	-	-	-	-	-	-	18
<i>A Época</i>	-	5	4	-	-	-	-	-	-	-	-	9
<i>A Imprensa Nova (Série I)</i>	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	7
<i>A Pátria</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>A Tarde</i>	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
<i>A Tribuna</i>	-	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	7
<i>A Vanguarda</i>	-	6	5	-	-	-	-	-	-	-	-	11
<i>ABC: Revista Portuguesa</i>	-	7	-	2	-	-	-	-	-	-	-	9
<i>Correio da Manhã</i>	-	9	2	-	-	-	-	-	-	-	-	11
<i>Diário da Manhã</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
<i>Diário de Lisboa</i>	-	6	7	-	-	-	-	-	1	-	1	15
<i>Diário de Notícias</i>	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	3	10
<i>Dionysos</i>	-	-	-	2	1	-	1	-	-	-	-	4
<i>Ilustração portuguesa</i>	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3
<i>Jornal de Notícias</i>	-	4	1	-	-	-	-	-	-	-	1	6
<i>Novidades</i>	-	-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	10
<i>O Comércio do Porto</i>	-	9	7	1	-	-	-	-	-	-	1	18

Publicações	Número de notícias por ano de publicação											Totais
	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929 - 30	1931	1932 - 38	1939	
<i>O Comércio do Porto - Edição da Tarde</i>	-	17	10	-	-	-	-	-	-	-	-	27
<i>O Dia</i>	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>O Domingo Ilustrado</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>O Mundo</i>	-	7	6	-	-	-	-	-	-	-	-	13
<i>O Primeiro de Janeiro</i>	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
<i>O Radical</i>	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	4
<i>O Rebate</i>	1	7	9	1	-	-	-	-	-	-	-	18
<i>O Século</i>	-	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8
<i>O Século - Edição da Noite</i>	-	2	5	1	-	-	-	-	-	-	1	9
<i>República (Série I)</i>	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	3
<i>República (Série II)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
TOTAIS	1	117	94	9	1	0	1	0	1	0	10	234

Fig.1 As 28 publicações (por ordem alfabética) onde foram recolhidas as notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon e eventos associados, com o número de notícias publicadas por ano em cada uma.

Com base nestes elementos, é possível apresentar graficamente a distribuição das notícias por ano de publicação (fig. 2), percebendo-se claramente que o ano com maior número de notícias é 1923, com 117 notícias, seguido de 1924 com 94 notícias. Nestes dois anos, deparamo-nos, portanto, com 211 das 234 notícias recolhidas, ou seja, com 90% do total apurado. Esta esmagadora preponderância é plenamente justificada pelo facto de estes dois anos serem aqueles com maior número de factos ocorridos em torno da descoberta: 1923 é o ano da abertura oficial do túmulo e da morte de Lord Carnarvon (aspectos amplamente noticiados na imprensa internacional e na imprensa portuguesa); em 1924 continuam os trabalhos no túmulo e destacam-se os problemas ocorridos entre Howard Carter e o governo egípcio em torno da continuação/interrupção dos trabalhos de escavação. O ano de 1939, o que encerra a nossa cronologia, aparece em terceiro lugar, ainda que apenas com 10 notícias, três delas dedicadas à morte de Howard Carter (a 2 de Março de 1939) e sete às novas descobertas que então ocorreram em Tânis, também em túmulos intactos, sob a supervisão do arqueólogo e egiptólogo francês Pierre Montet.

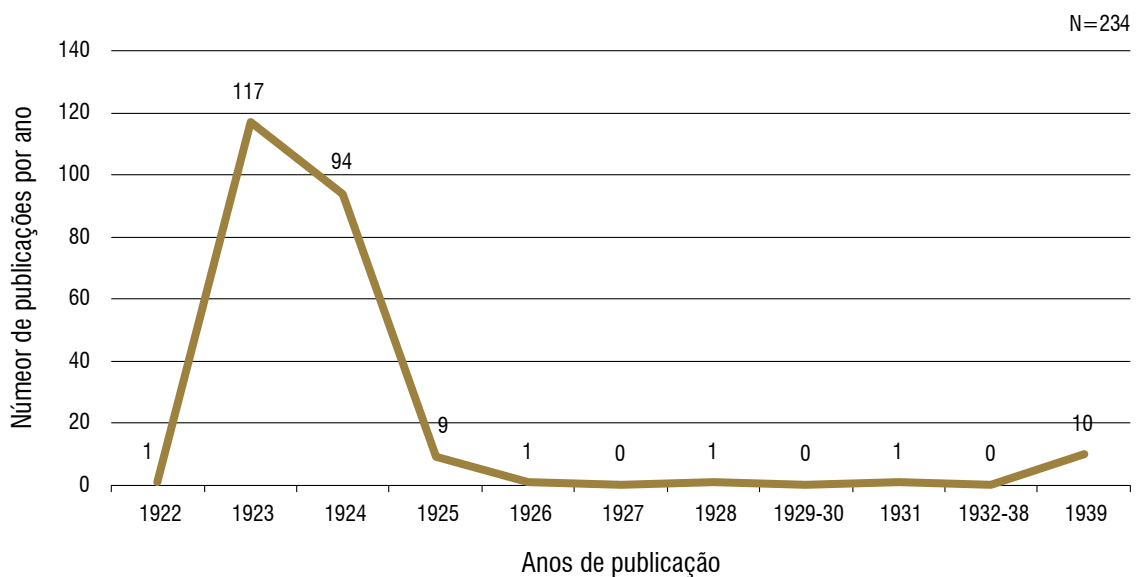


Fig. 2 Número de notícias por ano (gráfico preparado pelos autores).

Merecem igualmente destaque os anos de 1922 e 1925, neste caso pela ausência ou escassez de notícias. Em relação a 1922, em que temos apenas uma notícia, trata-se do ano da descoberta do túmulo. No entanto, só a 3 de Dezembro, cerca de um mês depois, surge em Portugal a primeira notícia (*O Século* – 03.12.1922). O facto de a descoberta e de os primeiros trabalhos terem decorrido já na parte final do ano de 1922 pode explicar esta ausência, não tanto por desinteresse da imprensa portuguesa, mas talvez simplesmente por escassez de informação substantiva sobre a intervenção arqueológica em curso.

O ano de 1925 foi o ano em que se encontrou a que é ainda hoje a peça mais icónica do túmulo de Tutankhamon: a máscara funerária do faraó (JE 60672). Embora tenhamos recolhido oito notícias neste ano, nenhuma dela se reporta à descoberta arqueológica mais importante ocorrida nesse ano, o que faz com que não haja também na imprensa portuguesa nenhuma imagem da dita máscara funerária. A partir de 1925, as páginas dos periódicos publicados em Portugal deixam de dedicar a sua atenção ao túmulo de Tutankhamon, desaparecendo o assunto praticamente da imprensa portuguesa.

É fácil conceber que as 234 notícias publicadas sobre a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon não tinham todas as mesmas características, nem apresentam exatamente a mesma abordagem jornalística. Compilando e observando de perto as características de todos estes dados, estabelecemos, com designações nossas, oito grandes tipologias de notícias (fig. 3).

Tipo de notícia	Nº de notícias	%
Notícia a partir de “agência noticiosa”	143	61
Texto original não assinado	38	16
Texto ou imagem copiada de/baseada em publicações estrangeiras	23	10
Notícia copiada de outros jornais portugueses	12	5
Artigo de cariz ‘científico’	8	3
Artigo de opinião	4	2
Texto ou imagem original assinada	4	2
Artigo de curiosidades	2	1

Fig. 3 Tipologia das notícias.

As diferentes tipologias de notícias que compõem o nosso *corpus* permitem-nos perceber que estamos a lidar com um conjunto de textos (e imagens) de diferentes naturezas e com diferentes origens. No entanto, salienta-se que a maioria das notícias não é original ou pelo menos escrita inteiramente na sua forma original por jornalistas ou repórteres de publicações nacionais. Ou seja, muito atenção foi dada pelas revistas e jornais portugueses à descoberta do túmulo de Tutankhamon, no entanto o que foi publicado é essencialmente o resultado de notícias enviadas do estrangeiro através de agências noticiosas ou cópias/adaptações de textos/imagens de jornais estrangeiros, mais concretamente jornais franceses.⁵ Este recurso ‘ao que veio de fora’ não pode ser atribuído a um desinteresse

⁵ Foram identificados como fontes dos periódicos portugueses os jornais franceses *Excelsior*, *Le Matin*, *Le Petit Parisien* e *Le Figaro*.

sobre o assunto. Tal hipótese é contrariada pelo espaço que as publicações lhe deram. Tudo leva a crer que aqueles que escreveram em jornais e revistas portuguesas da época, publicações cujo foco era, como foi dito, maioritariamente político e focado na política nacional, poderiam não se sentir preparados, em termos de informação e conhecimento, para abordar e aprofundar o(s) tema(s) em questão.

No entanto, foram também publicados textos originais, alguns deles assinados, que nos permitem compreender que já existia algum conhecimento sobre a história do antigo Egito entre os autores portugueses. Destacam-se o artigo escrito por Joaquim Gomes Monteiro (1893-1950) publicado no *Diário de Lisboa* (08/02/1923) intitulado “O amanhecer dos tempos. A recente descoberta do túmulo de Tutankamon, rei do Egito, mil anos antes de Cristo” e o artigo escrito por Julião Quintinha (1886-1968), jornalista, escritor e orientalista, intitulado “O Misterioso Sarcófago do Egito” (*Republica Série II* – 24/03/1939).

O corpus: os temas e questões abordadas

A cada uma das 234 notícias, independentemente das suas características intrínsecas, foi atribuído um tema, um subtema e, quando necessário, um tópico, para que, de forma simples e direta, possam ser percebidas as ideias e conteúdos essenciais do que foi publicado. Desta forma, obtivemos um total de 12 temas e 33 subtemas (figs. 4 e 5).

TEMA	Nº notícias
Abertura / Encerramento do túmulo	54
Problemas entre Howard Carter e governo egípcio	49
Morte/Trasladação de Lord Carnarvon	43
Outras questões associadas	27
Trabalhos no túmulo	24
Maldição	9
Doença de Howard Carter	7
“Pequenos ensaios”	6

TEMA	Nº notícias
Doença de Lord Carnarvon	5
Descoberta do túmulo	4
Exposição de reprodução do túmulo (Wembley)	3
Morte de Howard Carter	3

Fig. 4 Temas atribuídos às notícias.

SUBTEMAS	Nº notícias
Com maldição	33
Abertura oficial do túmulo	24
Sem maldição	23
Suspensão dos trabalhos / Cancelamento de licença de Carter	23
Riquezas / Tesouros	20
Outras descobertas	19
Abertura do sarcófago	15
Suspensão de entradas e trabalhos no túmulo / Processo contra Howard Carter	11
Sem subtema	7
Abertura do túmulo aos turistas	7
Novo acordo/Continuação das escavações com Carter	7
Questão nos tribunais	5
Encerramento do túmulo	4
Transporte e exposição	4
(Possíveis) contributos para o estudo do passado	3
Ameaça do faraó	3
História do túmulo; Teoria sobre a ocupação do túmulo — Usurpação	3
Maldição da filha do faraó	3
Manifestações contra os ingleses	3
Vítimas	3
Duelo	2
Escárnio / Ironia	2
A construção de pirâmides	1
A moda no antigo Egito	1
A rainha Nefertiti	1
Autores	1
Estátua de Sesóstris III	1
Interesse dos jornalistas	1
Mobiliário	1
Negociações falhadas	1
O culto dos animais	1
Reabertura do túmulo	1
Sarcófagos	1

Fig. 5 Subtemas atribuídos às notícias.

É possível, no que diz respeito aos temas, subtemas e tópicos, diferentes cruzamentos e análises, por exemplo, por totais, por ano e por publicação. No entanto, aqui só vamos considerar os temas que mais captaram a atenção das publicações portuguesas, de forma a perceber quais os aspetos da descoberta que lhes pareceram potencialmente mais interessantes para o seu público.

O tema com maior número de ocorrências (54) é “Abertura / Encerramento do túmulo” com 28 notícias publicadas em 1923, 24 em 1924 e duas publicadas em 1925. Está presente em 21 das 28 publicações e é a mais discutida em seis delas. Este tema compreende seis subtemas: abertura oficial do túmulo (24), abertura do sarcófago (15), abertura do túmulo aos turistas (7), encerramento do túmulo (4), manifestações contra os ingleses (3) e reabertura do túmulo (1).

Se olharmos para os tópicos deste tema destaca-se a atenção dada às riquezas e tesouros encontrados no túmulo (17 casos) e, embora com menos frequência, a perspetiva da violação/profanação do túmulo (5) e o interesse no estudo da múmia (4).

O segundo tema mais frequente é “Problemas entre Howard Carter e governo egípcio” com 49 notícias, 48 publicadas em 1924 e uma publicada em 1925, presente em 16 das 28 publicações. Este tema compreende seis subtemas: suspensão dos trabalhos no túmulo/cancelamento da licença de Carter (23), suspensão de entradas e trabalhos no túmulo/processo contra Howard Carter (11), novo acordo/continuação de escavações com Carter (7), processo em tribunal (5), duelo (2) e negociações falhadas (1).

Estas notícias permitem-nos acompanhar em pormenor os problemas e os mal-entendidos entre Howard Carter e o governo egípcio em 1924, no início do segundo ano de trabalho após a descoberta. O arqueólogo e as instituições discordaram sobre a prossecução das obras após a morte de Lord Carnarvon e Carter foi mesmo substituído por Pierre Lacau. No entanto, o problema foi ultrapassado e foi Carter, o descobridor, que conduziria o trabalho até ao fim.⁶

⁶ Para uma análise detalhada deste tema nos periódicos portugueses veja-se Sales e Mota 2022a.

O terceiro tema mais abordado foi a “Morte/ Trasladação de Lord Carnarvon” com 43 casos (41 de 1923 e dois de 1924), presentes em 20 das 28 publicações. Este tema compreende apenas dois subtemas: com maldição (26) e sem maldição (17). Neste caso, optámos por perceber as situações em que a notícia informa sobre a morte de Lord Carnarvon, situações subsequentes referindo-se à maldição que supostamente teria sido a causa da sua morte e casos em que as notícias ignoram esta perspectiva. No que diz respeito aos tópicos identificados, o subtema “com maldição” compreende 16 situações que apontam para a cólera/vingança do faraó, nove que evocam a magia negra, seis que culpam os gases venenosos, três que temem os poderes misteriosos e uma que se refere apenas a um escaravelho. No subtema “sem maldição” há apenas dois casos, um que fala de infeção e outro refere-se a um inseto.

A recepção da descoberta do túmulo de Tutankhamon na imprensa portuguesa: núcleos essenciais

Apesar de viver um dos períodos políticos e sociais mais conturbados da sua história e embora os seus numerosos jornais e revistas fossem essencialmente dedicados à intervenção política, Portugal não escapou ao interesse que a descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon estimulava em todo o mundo. Os periódicos portugueses perceberam que a grande descoberta arqueológica de Carnarvon e Carter era um filão de notícias e, seja através de notícias de agências curtas ou através de textos mais longos e até ilustrados (originais ou copiados/adaptados), disponibilizaram aos seus leitores ou ouvintes um vasto e diversificado conjunto de informações sobre o que estava a acontecer no distante Vale dos Reis, moldando, assim, a percepção dos portugueses sobre a história e personagens da civilização do antigo Egipto.

Um dos aspetos que os jornais e revistas portuguesas fizeram questão de destacar foi a relevância da descoberta e o impacto da sua divulgação. O jornal *A Tribuna* (05/04/1923) publicou um artigo que é, simultaneamente, um testemunho da importância da descoberta, do seu eco em todo o mun-

do e uma prova da consciência jornalística que existia da sua exploração: “Nestes ultimos tempos a curiosidade e a atenção de todo o mundo foram despertadas pelas descobertas realizadas por Lord Carnarvon no tumulo do faraó Tout-Ankh-Amon, lendo-se com avidéz tudo que a elas se referia, ainda os mais insignificantes pormenores”.

O jornal *A Vanguarda* (17/02/1923) iniciou também um artigo com uma observação em que destaca igualmente a dimensão do impacto da descoberta: “O pharaó Tut-anh-Amen, morto há mais de trez mil anos, é bem o soberano que faz actualmente mais ruido em todo o mundo”.

Ao embarcarem neste movimento mundial, os periódicos portugueses relataram as mais variadas questões sobre o que se passava no Egipto, sendo que o que foi publicado e explorado mais intensivamente é agrupável em três núcleos essenciais:⁷

- a) os conhecimentos históricos e aprendizagens que decorrem da descoberta;
- b) o valor patrimonial e artístico das descobertas;
- c) a questão da “maldição da múmia” que seria a causa da morte prematura de Lord Carnarvon.

A cobertura jornalística portuguesa que considera as escavações de Luxor ocidental como um contributo inestimável para o conhecimento acompanha os trabalhos da equipa de Carter na expectativa do que eles poderão trazer para ajudar a decifrar o passado. Este tipo de notícias gera no leitor a crença num passado ainda por descobrir em que os conhecimentos dados por adquiridos (por exemplo em relação aos antigos Hebreus, sobejamente conhecidos pela Bíblia) podem, agora, conhecer novas explicações e novas interpretações, resultantes dos documentos e artefactos que potencialmente o túmulo de Tutankhamon poderia albergar.

⁷ Para uma versão mais detalhada destes núcleos veja-se Sales e Mota 2020a.

Os tempos republicanos, caracterizados em muitas questões por um forte pendor anti-clerical, tornava esta visão do passado egípcio ou este desejo de o conhecer, altamente apelativos. O passado em descoberta no Vale dos Reis podia ajudar a desmantelar algumas problemáticas religiosas, contribuindo, assim, para esvaziar a força e o predomínio da Igreja. Questões como o monoteísmo hebraico são, neste momento, colocadas em contraponto com a sua eventual origem egípcia. Numa notícia do jornal *A Capital* (30/01/1923) são mencionados os faraós Amenhotep III, Akhenaton, Tutankhamon, Ay e Horemheb, bem com o movimento de feição monoteizante em torno do deus egípcio Aton de que Moisés, chamado de “sacerdote de Heliopolis” seria herdeiro.

Um segundo núcleo de notícias, que preza o passado egípcio *per si*, prefere enfatizar a dimensão artística dos antigos Egípcios a partir dos testemunhos e das riquezas patrimoniais encontrados no túmulo. Notícias como as publicadas no *Diário de Lisboa* (08/02/1923), *ABC – Revista Portuguesa* (15/02/1923), *A Vanguarda* (17/02/1923) ou *Ilustração Portuguesa* (10/03/1923 e 19/01/1924) encaram a actividade arqueológica como um meio imprescindível para desenterrar essas maravilhosas realizações do espírito dos antigos Egípcios. É como se os jornais transmitissem aos seus leitores a noção de que o labor dos pesquisadores ingleses era uma bênção para a Humanidade, pois permitia aceder à “beleza perdida dos faraós”. No *Diário de Lisboa* (08/02/1922) afirma-se:

O Egipto — a terra abençoada onde a Arte ensaiou os primeiros bailados da sua adolescência; [...]. É, ainda hoje, um sarcôfago esfingíaco de misterios que, dia a dia, vão sendo desvendados, graças ás escavações persistentes, ali realizadas. Os nossos aliados ingleses, sempre perseverantes nas suas empresas, continuam rasgando as entranhas da terra egípcia, no único interesse de sondar as belezas ainda desconhecidas da Arte Antiga, prestando assim um alto beneficio á constituição da historia desse país, cuja origem se perde na noite dos tempos.

Valorizam-se as produções artísticas do passado egípcio, através das magníficas peças encontradas no túmulo, e com elas excita-se a atenção do público e a sua aprovação pela continuação dos trabalhos arqueológicos. Quando estes leitores se confrontam com outras notícias relatando as dificuldades e embargos colocados pelas autoridades egípcias à continuação dos trabalhos de Carter, é como se todos se devessem posicionar do lado do arqueólogo e da ciência. Nestes textos jornalísticos sente-se uma forte atracção por uma vertente explicativa abalizada, científica, que conduza à elaboração de um quadro de entendimento da antiga civilização egípcia que só a Arqueologia, como domínio cientificamente conduzido de trabalho e estudo, poderia proporcionar.

As riquezas artísticas egípcias são valorizadas mais na sua dimensão civilizacional, do que propriamente material. Muitas destas notícias são ilustradas com fotografias e desenhos (caso de *ABC – Revista Portuguesa e Ilustração Portuguesa*), o que tem a virtualidade de mostrar os artefactos da necrópole tebana e, assim, deslumbrar mais os receptivos leitores. A “observação directa” proporcionada pela imprensa portuguesa da quantidade e da beleza dos artefactos retirados do túmulo do antigo rei egípcio alimentava, quase diariamente, esta visão.

Numa perspectiva diametralmente oposta, algumas notícias olham a intervenção arqueológica como um indevido e condenável remexer nos domínios da história antiga. Esta linha é particularmente sensível sob a problemática da “vingança” ou “maldição” da múmia: segmento de exploração noticiosa que alcança uma certa expressão na imprensa portuguesa, sobretudo após 5 de Abril de 1923 (data da morte de lord Carnarvon), como, aliás, nas congéneres europeias. A história da “maldição do faraó” que supostamente estaria por detrás da morte do financiador da campanha de escavação, bem como de outros investigadores, visitantes do túmulo e turistas, está bem representada na imprensa portuguesa: *A Capital* (05/04/1923, 10/04/1923 e 11/02/1924), *A Tarde* (16/02/1924), *A Tribuna* (05/04/1923 e 04/03/1924), *Diário de Lisboa* (09/04/1923), *Diário de Notícias* (07/04/1923), *O Comércio do Porto* (19/02/1924) e *O Comércio do Porto – Ed. da tarde* (16/04/1923 e 19/02/1924).

Com títulos particularmente sensacionalistas, o passado egípcio, os seus faraós e os arqueólogos em exercício são associados nestas notícias a “mistério”, “segredo”, “ameaça”, “magia”, “morte”, “vingança”, “violadores” e “profanadores”. Esta linha de notícias desenvolve uma tensão em relação à investigação do passado e alimenta um temor supersticioso em relação a esse mesmo passado. Através destas notícias, vemos emergir um Egipto antigo em que a primitiva religiosidade está impregnada de características e virtualidades tais que lhe permitem, através dos “mistérios da magia negra”, transpor os tempos e castigar inexoravelmente aqueles que se atreveram a mexer com a sua dimensão mais profunda que é a morte/ o sossego eterno de um seu soberano. Não interessa se se trata de simples trabalhadores, de arqueólogos encartados ou de grandes magnatas, a “vingança” do faraó é, neste sentido, justa, implacável e infalível.

“A vingança de Tutankhamon” impregna de tal forma o tratamento jornalístico destes textos que o encerramento do túmulo e o fim dos trabalhos de exploração são noticiados como o “último acto” da vingança faraónica, que, desde o final de 1922, se adivinhava:

Mas da alma egípcia exilava-se já uma corrente forte de odio que se ia adensando sobre a cabeça dos profanadores — odio que se ia tecendo telepaticamente, formando um desejo comum de vingança contra Carter e Carnarvon. O faraó vingarse-há! — diziam os jornais egípcios, os proprios jornais ingleses, dizia-o toda a população do Egipto. (*A Tarde* – 16/02/1924; *O Comércio do Porto – Ed. da tarde* –19/02/1924)

As doenças, as mortes sucessivas e o encerramento do túmulo eram tudo acontecimentos que irrefutavelmente atestavam a “vingança do faraó”, de que ninguém devia contestar ou duvidar.

Os jornais portugueses da época fizeram, portanto, eco de factos extraordinários e contribuíram de forma sensacionalista para lançar num público alargado a ideia da maldição que atingira, logo em 1923, Lord Carnarvon, o financiador da expedição arqueológica, e muitos outros intelec-

tuais, jornalistas, visitantes. Mesmo que outros argumentos e outras notícias sejam equacionados, recusando que Tutankhamon se tivesse “vingado” na posteridade, a ideia principal transmitida aos leitores por núcleo noticioso insiste na interpretação e explicação temerosa do passado egípcio.⁸

Manifestações egiptológicas e de Egiptomania em Portugal

Humberto Pinto de Lima (1902–1984), licenciado em Ciências Histórico-Geográficas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e Assistente em Ciências-Históricas, desde 1925, na mesma Faculdade, pode ser considerado como um proto-egiptólogo português. Em 1925 e 1926, publicou três artigos na revista de Coimbra *Dionysos. Revista Mensal de Philosophia, Scientia e Arta* (Lima 1925a e b; Lima 1926) que, como deixa claro no primeiro texto, acontecem no rescaldo da descoberta do túmulo de Tutankhamon:

As descobertas sensacionais de lord Carnarvon e de Carter no Vale dos Reis e os trágicos acontecimentos que se lhe seguiram, despertaram nas multidões européas um entusiasmo pela civilização egípcia, muito semelhante ao que dezenas de anos atrás tinham originado os trabalhos [...] de Champollion e de Mariette. (Lima 1925, 33)

Os textos, que transparecem claramente o conhecimento histórico do autor, revelam um grande interesse pela civilização do antigo Egito, com particular enfoque na figura de Akhenaton e no seu reinado, com especial atenção ao culto solar atoniano. Assim, neste contexto, embora surpreendente, não deixa de ser plenamente justificado encontrar nas páginas do segundo artigo, publicado em Outubro de 1925, a primeira tradução para português do *Hino a Aton*. Não o faz a partir de originais egípcios, mas sim de abalizadas obras da sua época (em francês, inglês e espanhol), de que dá

⁸ Para uma versão mais detalhada desta temática veja-se Sales e Mota 2019b.

conta em nota de rodapé, informando, com rigor, o leitor sobre o processo metodológico usado (Lima 1925, 96, nota 1).

Pinto de Lima é, portanto, merecedor de destaque pelo trabalho egiptológico realizado, em Portugal, no rescaldo da descoberta do túmulo de Tutankhamon.⁹ Contudo, não foi só a Egiptologia portuguesa que foi devedora da descoberta arqueológica, pois a Egiptomania, ainda muito incipiente em território nacional, viu surgir — direta ou indiretamente estimulados pela Tutmania — várias manifestações dignas de atenção.

Destacamos, por exemplo, o poema “A Moda” da autoria de Florbela Espanca (sob o pseudónimo Soror Saudade), publicado a 31 de Agosto de 1923 na revista *Portugal: Revista portuguesa*, editada no Brasil pela comunidade portuguesa (Castro e Cruz 2020), no qual a poetisa, numa composição muito díspar do seu registo poético habitual, destaca o papel de Tutankhamon, enquanto influência na moda: “Pharaó onnipotente, / Deus da Moda em seu paiz, / Mal ressurgue e, de repente, / Ordena a Moda em Paris!”

É igualmente merecedora de destaque a decoração que o capitão Luís Augusto de Pina Guimarães concebeu e aplicou, em 1925, no Café Oriental de Guimarães, no norte de Portugal. Inspirado em obras egiptológicas (nomeadamente francesas), o capitão-artista decorou as paredes e tectos do estabelecimento comercial com cenas egípcias que incluíam, por exemplo, uma cena copiada do exterior do pilone do templo de Amon-Ré, em Luxor, em que o faraó Ramsés II enfrenta sozinho no seu carro de guerra as hostes hititas na batalha de Kadesh, c. de 1285 AEC. Infelizmente, hoje só nos restam fotografias do local e várias notícias de jornais locais (*O Commercio de Guimarães* e *O Vimaranesense*) a dar conta da sua inauguração e relevância para a cidade.¹⁰

A mais extraordinária expressão de Egiptomania/Tutmania em Portugal é, muito provavelmente, a obra literária de F. de Carvalho Henriques,

⁹ Para uma versão mais detalhada sobre o trabalho de Pinto de Lima veja-se Sales e Mota 2018a; Sales e Mota 2018b.

¹⁰ Para uma análise mais detalhada sobre o trabalho e o poema de Florbela Espanca e Pina Guimarães veja-se Sales e Mota 2022b.

como habitualmente assinava as suas obras. Trata-se de um escritor totalmente desconhecido da esmagadora maioria dos portugueses.¹¹ Há, no entanto, um romance seu, com contornos de policial e laivos de misticismo, intitulado *A Profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon*, que lhe confere um lugar pioneiro no panorama literário nacional e internacional.

De acordo com um apontamento inserido pelo autor no final do romance, foi no Verão de 1923 (Junho-Julho) que concluiu a escrita da obra, ou seja, cerca de seis meses depois da abertura oficial do túmulo por Lord Carnarvon e Howard Carter, tendo sido publicada, porém, em Lisboa, apenas no início de 1924.

Na sua obra, Carvalho Henriques conjuga “factos da antiguidade e dos modernos tempos”, tal como é destacado no Prefácio. Em concreto, *A Profecia*, cuja trama principal se desenvolve na contemporaneidade do autor, inclui, igualmente, uma secção que se desenrola no antigo Egipto (capítulos II-IV), durante o reinado de Tutankhamon. Na realidade, toda a história interliga, com alguma habilidade, os dois tempos narrativos, da mesma forma que conjuga também um certo pendor isotérico com a capacidade do autor de procurar um rigor histórico tão preciso quanto seria possível à época.

Se toda a obra revela um apurado interesse pelo antigo Egipto, existem algumas passagens que, pelo potencial impacto nos leitores ou pelo que revelam dos conhecimentos do autor, merecem ser salientados. Um dos momentos mais apelativos acontece em pleno desenvolvimento da acção quando encontramos o protagonista a ter conhecimento da descoberta do túmulo de Tutankhamon através da leitura de uma notícia de jornal e, seguidamente, através do que autor designa de um “fenómeno extraordinário”: vê surgir diante dos seus olhos a cartela com os signos hieroglíficos do nome de nascimento ou nome próprio do faraó Tutankhamon (com representação gráfica na obra).

¹¹ Para uma análise mais detalhada sobre a obra de Fernando de Carvalho Henriques veja-se Sales e Mota 2019a; Sales e Mota 2020b.

Concomitantemente, ao longo da obra encontramos o uso de fórmulas de datação, de designações toponímicas, de elementos de indumentária, a menção aos nomes de trono e de nascimento dos faraós egípcios, antecidos por designações e completadas por epítetos, de identificações historicamente correctas de personagens históricas, mesmo com as alterações onomásticas que conheceram (caso de Amenhotep IV/Akhenaton). O Autor demonstra também conhecer várias divindades do antigo panteão egípcio e seus emblemas característicos, assim como os conceitos antropológico-filosóficos de *ka* e de *ba*.

Por tudo isto, a obra de Carvalho Henriques é não apenas um incomparável exemplo da Tutmania em Portugal como, simultaneamente, é ímpar no panorama literário nacional e internacional uma vez que é o terceiro livro, a nível mundial, a ser publicado sob a inspiração da descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon.

Conclusão

A descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon foi um exemplo sem precedentes da relação de interacção entre arqueologia e imprensa. Os periódicos de todo o mundo fizeram de uma descoberta arqueológica um evento de interesse global e Tutankhamon, um faraó sem grande impacto no seu tempo, tornou-se intemporal e um verdadeiro ícone da civilização do antigo Egipto.

Portugal não escapou a este movimento de globalização do conhecimento sobre a antiga civilização egípcia. Como o nosso projecto de Investigação “Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922-1939)” permitiu demonstrar e comprovar, a imprensa portuguesa acompanhou atentamente o que se passava em torno do túmulo do faraó Tutankhamon, principalmente durante os anos de 1923 e 1924, e possibilitou aos portugueses da época um contacto, tão próximo quanto possível, com o antigo Egipto e o seu mais recente representante.

Em consequência, directa ou indirecta, do trabalho dos jornais e revistas, o interesse pela distante civilização egípcia desenvolveu raízes em Por-

tugal e começou a dar frutos, não apenas através de trabalhos de natureza egiptológica, como é o caso dos artigos de Humberto Pinto de Lima, mas também com manifestações de Egiptomania/Tutmania que vão da poesia (Florbela Espanca) à decoração de interiores (Luís de Pina Guimarães), passando de forma muito marcante pela literatura (Fernando de Carvalho Henriques).

BIBLIOGRAFIA

- Castro, A.A.M., Cruz, E. 2019. “Quem há de acreditar? – um poema desconhecido de Florbela Espanca no Brasil?” *Abril -Revista do NEPA/UFF* 12 (24): 91-112.
- Hawass, Zahi. 2006. *The Golden King. The World of Tutankhamun*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- Lemos, Mário Matos e. 2006. *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora.
- Lima, Pinto Humberto. 1925a. “Descobertas modernas no Egipto. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egipto e Amenofis IV.” *Diónysos* 3 (2): 33–37.
- Lima, Pinto Humberto. 1925b. “Descobertas modernas no Egipto. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egipto e Amenofis IV.” *Diónysos* 3 (2): 95–100.
- Lima, Pinto Humberto. 1926. “Descobertas modernas no Egipto. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egipto e Amenofis IV.” *Diónysos* 3 (3): 168–72.
- Marques, A. H. de Oliveira. 1980. *A Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, A. H. de Oliveira. 1991. *Portugal da Monarquia para a Republica, 1900-1930*. Oeiras: Editorial Presença.
- Matos, Álvaro Costa de. 2014. “The Press in the First Portuguese Republic: Constraints and Guiding Principles (1910–1926).” In *A History of the Press in the Portuguese-speaking Countries*, editado por Jorge Pedro Sousa, 179–260. Porto: Media XXI.
- Montet, Pierre. 1998. *Lettres de Tanis. 1939-1940. La découverte des trésors royaux*. Monaco: Editions du Rocher.
- Nunes, Maria de Fátima. 2014. “Indústria. Imprensa/ Jornais e revistas.” In *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. II: F-M.*, editado por Maria Fernanda Rollo, 439–42. Lisboa: Assembleia da República.
- Reeves, Nicholas. 1990. *The Complete Tutankhamun: The King, The Tomb, The Royal Treasure*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2018a. “Tutankhamon em Portugal (1923-1926): da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da ‘maldição da múmia’ ao Hino a Aton.” *História* IV (8): 221–52.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2018b. “Tutankhamon em Portugal: relatos na imprensa portuguesa (1922-1939): a revista Diónysos, Humberto Pinto de Lima e Tutankhamon.” *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 18: 227–49.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2019a. “A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon” (1924) de Fernando de Carvalho Henriques. Ecos literários em Portugal da descoberta do túmulo de Tutankhamon.” *Cadernos De Literatura Comparada* 40: 287–320.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2019b. “‘The Curse of the Mummy’. Reports in the Portuguese Press on the Discovery of the Tomb of Tutankhamun.” *Cadmo* 28: 93–116.

- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2020a. “Tutankhamun in Portugal. Reports in the Portuguese Press (1922–1939).” *Aegyptiaca - Journal of the History of Reception of Ancient Egypt* 5: 565–609.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2020b. “Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques (1897-1962). O primeiro romancista-egiptólogo português.” In *El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España y Portugal*, editado por L. B. Martínez e J.-L. M. Fenollós, 407–18. Barcelona: Ediciones de la Universitat de Barcelona.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2022a. “As relações de Howard Carter com o governo egípcio (1924-1925): Entre manifestações de imperialismo, espírito nacionalista e interesse científico-arqueológico.” *Cadmo* 31: 161–95.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2022b. “Tutankhamon, mas não só... A Egiptomania no Portugal dos anos 20 do Século XX.” In *Actas I Jornadas sobre usos y recepción de la historia antigua ‘El antiguo Egipto como fantasía moderna: a cien años del descubrimiento de la tumba de Tutankhamón’*, 1–26. Buenos Aires: Instituto de Historia Antigua Oriental “Dr. Abraham Rosenvasser”.
- Sales, José das Candeias, e Susana Mota. 2023. “Recepção ou recepções do Egipto antigo? Expressões da globalização do conhecimento sobre o mundo antigo.” *RIHAO. Revista del Instituto de Historia Antigua Oriental* 24: 217–30.
- Sardica, José Miguel. 2014. “Imprensa. Títulos.” In *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. II: F-M.*, editado por Maria Fernanda Rollo, 344–57. Lisboa: Assembleia da República.
- Wheeler, Douglas L. 1978. “A Primeira República Portuguesa e a história.” *Análise Social* XIV 56: 856–62.